



A PREVENÇÃO DO VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA PELA EQUIPE DE ATENÇÃO PRIMÁRIA VOLTADA AOS ADOLESCENTES

THE PREVENTION OF THE HUMAN IMMUNODEFICIENCY VIRUS BY THE PRIMARY ATTENTION TEAM FOR THE TEENAGERS

LA PREVENCIÓN DEL VÍRUS DE LA INMUNODEFICIENCIA HUMANA POR EL EQUIPO DE ATENCIÓN PRIMARIA DIRIGIDA A LOS ADOLESCENTES

Silvana Cavalcanti dos Santos¹, Dayane Bezerra de Almeida², Wanessa Ayara Silva de Oliveira³, Ana Carla Silva Alexandre⁴, Fabíola Maria Paes de Lyra⁵, Valquíria Farias Bezerra Barbosa⁶

RESUMO

Objetivo: investigar as ações de promoção e prevenção do HIV desenvolvidas para adolescentes pela equipe de enfermagem na atenção primária. **Método:** estudo descritivo, de abordagem quantitativa, realizado com 20 enfermeiros das Unidades Básicas de Saúde da Família. Os dados foram produzidos por meio de um instrumento autoaplicável, analisados pela estatística e apresentados em tabelas. **Resultados:** 85% dos enfermeiros fazem ações de prevenção contra o HIV na adolescência; 20% possuem grupo de adolescentes na unidade; e 80% disponibilizam preservativos masculinos na unidade. **Conclusão:** torna-se indispensável conhecer a realidade das equipes de saúde no enfrentamento do HIV/AIDS na adolescência para propor novas estratégias de promoção da saúde e prevenção de novos casos de HIV/AIDS, bem como fazer o acompanhamento dos casos já existentes, fazendo com que esses serviços atuem de forma mais ativa nesse contexto. **Descritores:** Prevenção Primária; HIV; Adolescentes.

ABSTRACT

Objective: to investigate the actions of HIV promotion and prevention developed for adolescents by the nursing team in primary care. **Method:** this is a descriptive study, with a quantitative approach, performed with 20 nurses from the Family Health Basic Units. The data were produced by a self-applied instrument, analyzed by statistics and presented in tables. **Results:** 85% of the nurses take preventive actions against HIV during adolescence; 20% of them have a group of adolescents in the unit, and 80% of the nurses provide male condoms at the unit. **Conclusion:** it is essential to know the reality of health teams in coping HIV/AIDS in adolescence to propose new strategies for health promotion and prevention of new cases of HIV/AIDS, as well as follow-up on existing cases, so these services act more actively in this context. **Descriptors:** Primary Prevention; HIV; Teens.

RESUMEN

Objetivo: investigar las acciones de promoción y prevención del VIH desarrolladas para adolescentes, por el equipo de enfermería en la atención primaria. **Método:** estudio descriptivo, de enfoque cuantitativo, realizado con 20 enfermeros de las Unidades Básicas de Salud de la Familia. Los datos fueron producidos por medio de un instrumento auto-aplicable, analizados por la estadística y presentados en de cuadros. **Resultados:** 85% de los enfermeros hacen acciones de prevención contra el VIH en la adolescencia; 20% poseen grupo de adolescentes en la unidad; y 80% disponen de preservativos masculinos en la unidad. **Conclusión:** se torna indispensable conocer la realidad de los equipos de salud en el enfrentamiento del VIH/SIDA emn la adolescencia para proponer nuevas estrategias de promoción de la salud y prevención de nuevos casos de VIH/SIDA, así como hacer el acompañamiento de los casos ya existentes, haciendo con que esos servicios actúen de forma más activa en ese contexto. **Descritores:** Prevención Primaria; VIH; Adolescentes.

¹Enfermeira, Professora Mestra em Saúde Pública, Escola Superior de Saúde de Arcoverde/ESSA. Arcoverde (PE), Brasil. E-mail: silvana.santos@pesqueira.ifpe.edu.br; ^{2,3}Discentes, Graduação em Enfermagem, Escola Superior de Saúde de Arcoverde /ESSA. Arcoverde (PE), Brasil. E-mails: dayannealmeida_1919@hotmail.com; wanessa.ayara@hotmail.com; ⁴Enfermeira Residente em Emergência, Professora de Enfermagem, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco/IFPE. Pesqueira (PE), Brasil. E-mail: ana.alexandre@pesqueira.ifpe.edu.br; ⁵Discente, Graduação em Enfermagem, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco/IFPE. Pesqueira (PE), Brasil. E-mail: fabiola.paes.lyra@gmail.com; ⁶Enfermeira, Doutora em Ciências Humanas. Professora de Enfermagem, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco/IFPE. Pesqueira (PE), Brasil. E-mail: valquiriaenfermeira@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A adolescência é uma etapa da vida que envolve grandes transformações biológicas, psíquicas e sociais. Essa fase é marcada pelo início da atividade sexual. Rodeados por um mundo repleto de opções, os adolescentes constituem um grupo que, atualmente, apresenta grande exposição a situações de risco, podendo estar mais vulnerável a diversos agravos, como as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Dentre estas infecções, destaca-se a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), uma doença causada pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), que ataca o sistema imunológico, responsável por defender o organismo de doenças. Após a infecção pelo HIV, o corpo fica sem a defesa adequada, ficando mais vulnerável às doenças oportunistas.¹

No decorrer dos últimos 30 anos, a epidemia de AIDS trouxe consequências muito devastadoras para as famílias, comunidades e países, sendo um dos maiores desafios para a saúde pública, especialmente em função da tendência ao aumento da prevalência da infecção pelo HIV na população jovem.²

No Brasil, em relatório apresentado pelo Ministério da Saúde em 2014, destacou-se um aumento dos casos de AIDS entre homens e mulheres com idades entre 15 e 19 anos. De 2004 até 2013 foi registrado um aumento de 10,5% entre as mulheres de 15 a 19 anos e um aumento de 53,2% entre os homens desta mesma faixa etária. Destacou-se também a razão de sexo nos casos de AIDS entre a população de 13 a 19 anos, existem 30% a mais de homens que mulheres notificadas com AIDS (13 casos em homens para cada 10 casos em mulheres) no ano de 2013.³

Devido à incidência da infecção pelo HIV em adolescentes e pela inexistência de um estudo voltado sobre a prevenção do HIV/AIDS no município de Arcoverde-PE, objetivou-se:

Investigar as ações de promoção e prevenção do HIV desenvolvidas para adolescentes pela equipe de enfermagem na atenção primária.

MÉTODO

Estudo descritivo, com abordagem quantitativa,⁴ realizado com os profissionais de Enfermagem das Unidades Básicas de Saúde da Família (UBSF) do município de Arcoverde-PE, localizado no sertão de Pernambuco, com

área total de 350,901 km², situado a 256 km da capital pernambucana e com população estimada em 2014 de 72.672 habitantes.⁵

A pesquisa ocorreu entre janeiro e dezembro de 2015 e envolveu 20 enfermeiros que atuavam nas equipes das UBSF do município de Arcoverde e que atendiam ao seguinte critério de inclusão: ser profissional Enfermeiro de UBSF da zona urbana do município de Arcoverde-PE. Foram excluídos da amostra os sujeitos que não se enquadravam no critério de inclusão e os que se negaram a participar do estudo.

A coleta de dados se deu com um questionário autoaplicável com indagações acerca das estratégias desenvolvidas pela equipe de Enfermagem que tratam do HIV no aspecto de prevenção e promoção. Na coleta de dados foi utilizado um questionário pré-validado pelas pesquisadoras. A abordagem aconteceu nas UBSF após a anuência dos participantes. Deste estudo surgiram as seguintes variáveis: prevalência e incidência do HIV, ações de prevenção e dificuldades na execução das atividades relacionadas ao tema.

Os resultados foram apresentados por meio de tabelas elaboradas nos programas Microsoft Word e Microsoft Excel 2007, em termos absolutos e percentuais, e discutidos com a literatura.

As informações coletadas foram tratadas de maneira sigilosa, preservando em todos os sentidos a identificação dos sujeitos da pesquisa.

Por se tratar de pesquisa envolvendo seres humanos, no que diz respeito às competências ético-legais, foram obedecidos os preceitos enunciados na Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. O presente protocolo de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do HUOC PROCAPE através do parecer nº 1223146.

RESULTADOS

Durante o período deste estudo foram entrevistados 20 Enfermeiros que atuam nas UBSF do município de Arcoverde. Nesses locais, verificou-se a existência de dois casos de infecção pelo HIV em adolescentes, que estão concentrados em uma única UBSF.

Esta pesquisa teve o objetivo de investigar as ações de promoção e prevenção do HIV desenvolvidas para os adolescentes pela enfermagem na atenção primária à saúde. Esses dados estão apresentados a seguir.

Tabela 1. Principais ações e formas de prevenção do HIV entre os adolescentes pelos enfermeiros nas UBSF. Arcoverde (PE), Brasil (2015)

Variáveis	n°	%
Ações de prevenção para casos de HIV/AIDS na UBSF		
Sim	17	85%
Não	03	15%
Total	20	100%
Abordagem utilizada para a prevenção do HIV		
Discussão de casos	04	20%
Outros	01	5%
Palestras	16	80%
PSE	04	20%
Rodas de conversas	10	50%
Parcerias para a prevenção e diagnóstico e controle da transmissão do HIV		
CTA	18	90%
Sec. Saúde	10	50%
NASF	09	45%
UPAE	04	20%
PSE	03	15%
Não existe parceria	01	5%
Grupo para adolescentes		
Sim	04	20%
Não	16	80%
Ações educativas voltadas para HIV/AIDS entre adolescentes na UBSF		
Sim	14	70%
Não	06	30%
Testagem para diagnóstico precoce de infecção pelo HIV na UBSF		
Sim	01	5%
Não	19	95%
Insumos oferecidos para a prevenção		
Preservativo masculino	16	80%
Cartazes e panfletos	04	20%
Não é oferecido	02	10%
Campanha oferecida pelo MS para prevenção do HIV na UBSF		
Sim	10	50%
Não	10	50%

Nota: Algumas variáveis permitiram ao entrevistado optar por mais de uma questão, totalizando percentuais acima de 100%.

A Tabela 1 demonstra as ações e técnicas utilizadas para a prevenção do HIV/AIDS na população adolescente pelos enfermeiros nas UBSF do município de Arcoverde-PE, onde 85% dos enfermeiros fazem ações de prevenção na UBSF e, dentre estas, as formas de abordagens mais aplicadas entre os profissionais foram palestras (80%) e rodas de conversa (50%). Quanto às parcerias adotadas para execução das atividades de prevenção do HIV/AIDS, verificou-se que 95% da amostra têm apoio de outros órgãos e apenas 5% não têm parceria. Apenas 20% dos enfermeiros têm grupos de adolescentes formados, mas 70% dos enfermeiros realizam ações educativas sobre

HIV na UBSF, isso mostra que mesmo sem esses grupos preestabelecidos são realizadas ações de educação em saúde. No que se refere à testagem para o diagnóstico do HIV na UBSF, apenas 5 % confirmaram realizar. Os preservativos masculinos foram apontados como forma de prevenção mais utilizada e disponibilizada nas unidades (80%). Em relação às campanhas ou programas realizados pelo Ministério da Saúde sobre a prevenção do HIV/AIDS entre os adolescentes, 50% informaram conhecer a existência dessas campanhas, realizadas exclusivamente em época de carnaval.

Tabela 2. Dificuldades encontradas para execução de prevenção do HIV entre os adolescentes pelos enfermeiros nas UBSF, Arcoverde/PE (2015)

Variáveis	n°	%
Dificuldades para execução de prevenção do HIV/AIDS na UBSF		
Falta de procura dos adolescentes	09	45%
Preconceito quanto à exposição do tema	06	30%
Sobrecarga de trabalho	01	5%
Não há dificuldades	04	20%

A Tabela 2 lista as principais dificuldades para a realização das atividades de prevenção sobre o HIV/AIDS com os adolescentes nas UBSF, dentre as quais se destacaram: a falta de procura pelos adolescentes às UBSF (45%) e a questão do preconceito que está associado à temática (30%).

DISCUSSÃO

As taxas de incidência do vírus HIV em humanos são elevadas e continuam a aumentar entre os adolescentes e adultos jovens, em particular para os jovens que fazem sexo com homens (HSH) e populações transexuais.⁶ Busca-se atualmente promover intervenções de redução de risco sexual para abordar a epidemia de HIV/AIDS entre adolescentes. A realização de um julgamento dessa magnitude requer o apoio e colaboração do governo e da comunidade interessada.⁷

Os resultados a que se chegaram neste estudo evidenciam a baixa adesão ao programa de HIV/AIDS e a ausência de abordagem sistemática por parte dos profissionais enfermeiros aos adolescentes sobre a prevenção do HIV/AIDS.

Constatou-se um pequeno número de casos notificados de HIV/AIDS entre adolescentes nas UBSF, fato preocupante, uma vez que a Organização Mundial de Saúde (OMS) vem divulgando que o número de adolescentes portadores do vírus da AIDS ultrapassou dois milhões em 2013.² No Brasil, a preocupação é com os garotos de 15 a 19 anos, já que o número de casos, nessa faixa etária, aumentou 53% de 2004 a 2013.³ Os dados apresentados remetem à necessidade de incentivar e orientar os jovens a procurarem os serviços de testagem do município sobre a AIDS, uma vez que os casos encontrados eram de uma única unidade de saúde. Segundo estudos, os adolescentes são considerados um grupo de alta vulnerabilidade para adquirir o HIV e outras infecções sexualmente transmissíveis, soma-se a isso os fatores culturais e o acesso à informação.⁸

A educação em saúde constitui um tema que cada vez mais vem ocupando espaço nas discussões e reflexões entre os profissionais de saúde, especialmente os que atuam na área da saúde pública, como o enfermeiro.⁹ Essa prática tem se mostrado como um forte meio de prevenção que visa garantir a dignidade da pessoa humana através da promoção da saúde e da objetivação dos direitos humanos fundamentais, que se fazem presentes na autodeterminação e responsabilidade pela própria vida, tendo uma visão total de sua existência e das necessidades humanas.¹⁰

Educar para saúde é ir além da assistência curativa, priorizando ações preventivas e promocionais, reconhecendo os usuários dos serviços de saúde como sujeitos portadores de saberes e condições de vida, ou seja, protagonistas no processo saúde-doença,

A prevenção do vírus da imunodeficiência humana...

estimulando-os a lutarem por mais qualidade de vida e dignidade.¹¹

Existem limitações na educação para a saúde sexual de adolescentes, pois o professor e educador de saúde mostram que adolescentes do sexo masculino muitas vezes recebem informações que reforçam estereótipos de gênero que perpetuam a desigualdade, tais como a necessidade de os meninos terem bom desempenho sexual. Na ausência de uma educação eficaz, as consultas com os seus pares sobre saúde sexual são necessárias para aumentar a tomada de decisões responsáveis sobre a saúde sexual.¹²

Alguns estudos mostraram que adolescentes do sexo masculino geralmente não têm consciência e ficam para trás em relação aos adolescentes do sexo feminino no que diz respeito ao conhecimento sobre riscos e saúde reprodutiva, incluindo IST e HIV. Outros estudos mostraram que adolescentes do sexo masculino são geralmente mais expostos a informações sobre HIV/AIDS, e os dados de um relatório de 2013 da UNICEF demonstraram que adolescentes do sexo masculino em sub-Saharan-África possuem melhor conhecimento sobre o HIV do que os adolescentes do sexo feminino.¹²

Nesse sentido, diante do quadro epidêmico da AIDS no Brasil, ainda existem UBSF que não realizam ações educativas. Adicionalmente, evidenciou-se que a metodologia utilizada ainda se encontra centrada na educação bancária, ou seja, através de palestras, em que apenas um fala. É importante que os profissionais da saúde não ajam sozinhos na discussão sobre sexualidade, sexo e prevenção de IST/HIV com os adolescentes. A interdisciplinaridade é uma boa “ferramenta” para esta discussão, além do mais, é preciso conhecer a realidade dos adolescentes e identificar o saber que cada um traz sobre o tema em questão para poder criar estratégias que incentivem a participação, utilizando uma linguagem acessível para, assim, criar e fortalecer vínculos.¹³

Assim sendo, é imprescindível o uso de estratégias educativas que utilizem a metodologia participativa, incentivando a participação de todos sobre a prevenção das ISTs/HIV entre os adolescentes, com o propósito de empoderá-los ao cuidado de sua saúde sexual.¹³

É importante destacar que, neste estudo, um dos principais parceiros das UBSF no desenvolvimento de atividades de prevenção são os Centros de Testagem e Aconselhamento (CTA) que realizam ações de diagnóstico e

Santos SC dos, Almeida DB de, Oliveira WAS de et al.

prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. Nesses serviços, é possível realizar testes para HIV, sífilis e hepatites B e C gratuitamente. O serviço também estimula a adoção de medidas de prevenção, reduz o impacto emocional e amplia o acesso ao diagnóstico e tratamento da infecção pelo HIV, DST, sífilis e hepatites B e C, entre outros.¹⁴

Quanto à existência de grupos de adolescentes nas UBSF evidenciou um descaso com o presente público. Ressalta-se que a maioria das atividades desenvolvidas nas UBSF é realizada de forma esporádica, individual e exclusivamente com a demanda espontânea do serviço, ou seja, não existe programação específica com estratégias, metas e objetivos a serem alcançados.¹⁵ A maioria dos serviços de saúde não possui ações voltadas especificamente para este público, particularmente na área de saúde sexual e reprodutiva, o que é importante, pois têm-se verificado um aumento e uma confirmada tendência de expansão da AIDS entre os adolescentes e jovens.¹⁶

Entre os insumos disponibilizados pela UBSF, o preservativo foi a forma mais citada, dado esse positivo, uma vez que o preservativo ainda é a melhor forma de prevenção.¹ Estudos apontam que as atividades educativas voltadas para a prevenção do HIV usam como principal estratégia informar ao público a importância do uso do preservativo como forma segura de prevenção da doença, incentivando a prática de seu uso. Porém, a adesão ao uso do preservativo não é fácil, várias são as justificativas para o seu desuso, como a fidelidade e a confiança nos relacionamentos, entre outros. A implementação de atividades preventivas deve levar em conta que as populações mais vulneráveis precisam de medidas preventivas mais adequadas aos seus contextos, histórias de vida e práticas sexuais, sem que seja feito nenhum tipo de juízo de valor.¹⁷

As campanhas oferecidas pelo Ministério da Saúde (MS) para a prevenção do HIV vêm sendo reformuladas, visto que, há algum tempo, eram divulgadas e trabalhadas apenas no carnaval e agora, após aumento do número de casos no Brasil, vem sendo divulgada durante todo o ano. No entanto, 50% dos entrevistados referem não conhecer tais campanhas, nem usá-las na UBSF. Em 2014, o MS lançou uma campanha focada nos jovens, uma população que tem sido esquecida nos últimos anos, com o objetivo de estimulá-los a realizar o teste do HIV nos serviços disponíveis. Além disso, foi lançada a

A prevenção do vírus da imunodeficiência humana...

campanha de prevenção às DST e AIDS para o Carnaval, que tem como objetivos principais dar maior visibilidade às questões do viver com HIV/AIDS e à importância do teste e do tratamento como prevenção, principalmente aos jovens.¹⁸ Pela primeira vez, o MS lançou uma campanha de prevenção ao HIV/AIDS que se estende ao longo de todo o ano, abrangendo grande parte das festas populares brasileiras. A mobilização faz parte da nova estratégia do MS de estender a campanha de prevenção para outras festas populares, além do carnaval.¹⁸

As políticas públicas de prevenção precisam levar em consideração que todas as pessoas estão vulneráveis à infecção pelo HIV e o nível da proporção para mais ou para menos está relacionado ao seu contexto social, seus valores pessoais, aos níveis de exclusão socioculturais e econômicos para que haja efetividade/sucesso em suas estratégias e ações.¹⁷ Os resultados aqui descritos mostram que as maiores dificuldades evidenciadas para realizar ações de prevenção da transmissão do HIV entre os adolescentes foram a falta de procura dos mesmos ao serviço e o preconceito quanto à exposição do tema.

A presente realidade também afirma que os jovens utilizam pouco o serviço de saúde porque são poucas as necessidades interpretadas por este serviço de saúde para eles. Quer pelas condições concretas de estrutura biológica e das condições objetivas de existência, quer pelas características de trabalho do modelo clínico, o fato é que não há, nos serviços de saúde, um recorte mais acabado e próprio do grupo enquanto objeto para o trabalho.¹⁶ Outra questão atrelada a este fato é que as pessoas não têm medo apenas da contaminação ou das consequências físicas impostas pela doença, mas principalmente dos julgamentos morais atrelados a ela.¹⁷

A implementação da política de atenção à saúde do adolescente no Brasil esbarra em diversas dificuldades, e uma delas é a formação dos recursos humanos, já que não existem equipes de saúde suficientes para atender essa população.¹⁵ Os seus profissionais não estão capacitados, nem sensibilizados para o trabalho com adolescentes, nem todos se dispõem a trabalhar com esta população. Muitos profissionais percebem os adolescentes como pessoas em formação, que precisam de orientação e não têm maturidade, nem autonomia suficiente para exercer plenamente seus direitos.¹⁵

CONCLUSÃO

Percebeu-se fragilidade na execução de estratégias de prevenção do HIV/AIDS voltadas para os adolescentes, visto que a equipe de enfermagem não tem essas estratégias como rotina, realizando-as apenas de forma esporádica na UBSF. Em mais da metade das unidades não existem grupos de adolescentes, somando-se a isso a procura desse público para o serviço é quase inexistente, e não é realizada a busca ativa dos mesmos. A forma mais utilizada como exposição do tema são as palestras através do programa de saúde na escola (PSE), que já segue um cronograma da secretaria de educação.

Diante disso, torna-se indispensável conhecer as dificuldades vivenciadas pela equipe de saúde no enfrentamento do HIV/AIDS na adolescência para buscar meios para implementar estratégias de promoção da saúde e prevenção de novos casos de HIV/AIDS, bem como fazer o acompanhamento dos casos já existentes, fazendo com que os serviços de saúde, principalmente as UBSF que estão mais próximas da população, atuem de forma mais ativa nesse contexto.

Dessa forma, sugerem-se novos estudos que abordem essa temática não só do ponto de vista da atuação da enfermagem, mas também dos outros membros da equipe multiprofissional e principalmente do ponto de vista do adolescente usuário dos serviços, possibilitando um retrato mais fidedigno da realidade, abrangendo todos os atores envolvidos nesse contexto.

Nesse sentido, este estudo possibilitou maior conhecimento da temática, podendo ser usado para a reformulação da assistência de enfermagem aos adolescentes das UBSF, qualificando ainda mais os serviços, identificando as ações a serem realizadas e analisando os principais desafios ainda presentes para efetivação de ações de promoção e prevenção do HIV/AIDS pelos profissionais de enfermagem. Além disso, é importante quebrar os tabus capacitando os profissionais, oferecendo materiais e recursos financeiros e um ambiente adequado de trabalho. Faz-se necessária também a busca ativa desse público e a conscientização quanto à importância de sua participação em ações de prevenção e promoção à saúde.

AGRADECIMENTOS

A Deus em primeiro lugar, que nos iluminou durante esta longa caminhada. À orientadora Profa. Silvana Cavalcanti dos Santos pela paciência e dedicação, tornando possível a

conclusão do Trabalho de Conclusão de Curso. À Família, a qual é a nossa estrutura. Aos amigos, em especial ao amigo Aristóteles David Lima, pela disponibilidade em nos ajudar.

REFERÊNCIAS

1. Brasil, Ministério da Saúde. Departamento de DST, aids e hepatites virais: Aids no Brasil; 2015 [cited 2015 Mar 17]. Available from: <http://www.aids.gov.br>
2. Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS). Global Report: UNAIDS report on the global aids epidemic 2013 [cited 2015 Mar 16]. Available from: http://www.unaids.org/sites/default/files/media_asset/UNAIDS_Global_Report_2013_en_1.pdf.
3. Brasil, Ministério da Saúde - Secretaria de Vigilância em Saúde - Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Boletim Epidemiológico-HIV/AIDS. Brasília 2014 [cited 2016 June 17]. Available from: http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2014/56677/boletim_2014_final_pdf_15565.pdf.
4. Rouquayrol MZ, Almeida Filho N. Epidemiologia e Saúde. 6th ed. Rio de Janeiro: MEDSI; 2003.
5. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [homepage na internet]. Censo Demográfico, Rio de Janeiro, 2010 [cited 2014 Sept 10]. Available from: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=pe&tema=projecao2013>.
6. Kahana SY, Jenkins RA, Bruce D, Fernandez MI, Hightow-weidman LB, Bauermeister JA, et al. Structural Determinants of Antiretroviral Therapy Use, HIV Care Attendance, and Viral Suppression among Adolescents and Young Adults Living with HIV. *PLoS ONE*; 2016 Apr [cited 2016 May 22]; 11(4):e0151106. Available from: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/27035905>.
7. Miller KS, Cham HJ, Taylor EM, Berrier FL, Duffy M, Vig J, et al. Formative Work and Community Engagement Approaches for Implementing an HIV Intervention in Botswana Schools. *Am J Public Health*; 2016 May [cited 2016 May 22];19:e1-e3. Available from: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/27196663>.
8. Araújo EC. Vulnerabilidade dos adolescentes frente ao HIV/AIDS [editorial]. *J Nurs UFPE on-line [Internet]*; 2016 Feb [cited 2016 May 17];10(supl.2). Available from: www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/download/.../14497.

Santos SC dos, Almeida DB de, Oliveira WAS de et al.

9. Carvalho FL, Aires DLS, Segunda ZF, Azevedo CMPS, Corrêa RGCF, Aquino DMC, *et al.* Perfil epidemiológico dos indivíduos HIV positivo e coinfeção HIV-Leishmania em um serviço de referência em São Luís, MA, Brasil. *Ciênc Saúde Coletiva*; 2013 [cited 2016 May 17]; 18(5):1305-1312. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v18n5/15.pdf>.

10. Shiratori K, Costa TL, Formozo GA, Silva SA. Educação em saúde como estratégia para garantir a dignidade da pessoa humana. *Rev Bras Enferm*; 2004 Sept/Oct [cited 2016 Feb 12]; 57(5): 617-9. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n5/a21v57n5.pdf>.

11. Alves VS. Um modelo de educação em saúde para o Programa Saúde da família: pela integralidade da atenção e reorientação do modelo assistencial. *Interface - Comunic., Saúde, Educ*; 2005 Feb [cited 2015 Apr 21];9(16):39-52. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v9n16/v9n16a04.pdf>.

12. Kaufman MR, Smelyanskaya M, van Lith LM, Mallalieu EC, Waxman A, Hatzhold K, *et al.* Adolescent Sexual and Reproductive Health Services and Implications for the Provision of Voluntary Medical Male Circumcision: Results of a Systematic Literature Review. *PLoS ONE*; 2016 Mar [cited 2016 May 22];11(3):e0149892. Available from: <http://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0149892>.

13. Silva KL, Maia CC, Dias FLA, Vieira NFC, Pinheiro PNC. A educação em saúde junto aos adolescentes para a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. *Reme- Rev. Min. Enferm*; 2011 Oct/Dec [cited 2016 June 10];15(4): 607-611. Available from: <http://www.reme.org.br/content/imagebank/pdf/v15n4a19.pdf>.

14. Monteiro SS, Brandão E, Vargas E, Mora C, Soares P, Daltro E. Discursos sobre sexualidade em um Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA): diálogos possíveis entre profissionais e usuários. *Ciência & Saúde Coletiva*; 2014 [cited 2016 June 10]; 19(1):137-146. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v19n1/1413-8123-csc-19-01-00137.pdf>.

15. Torres GV, Enders BC. Atividades educativas na prevenção da aids em uma rede básica municipal de saúde: participação do enfermeiro. *Rev. latino-am enfermagem*; 1999 [cited 2015 Apr 21]; 7(2): 71-77. Available from: <http://www.revistas.usp.br/rlae/article/view/1367/1396>.

A prevenção do vírus da imunodeficiência humana...

16. Torres TRF, Nascimento EGC, Alchieri JC. O cuidado de enfermagem na saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. *Adolesc Saude*; 2013 [cited 2015 Apr 21];10 (Supl. 1):16-26. Available from: http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=391#.

17. Navarro AMA, Bezerra VP, Oliveira DA, Moreira MASP, Alves MSCF, Gurgel SN. Representações sociais do HIV/AIDS: percepção dos profissionais da atenção primária à saúde. *R. pesq.: cuid. fundam. online*; 2011 Dec [cited 2016 June 10]; Ed. Supl.: 92-99. Available from: http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/1966/pdf_529.

18. Brasil, Ministério da Saúde. Departamento de DST, aids e hepatites virais: Campanhas; 2015 [cited 2015 Nov 13]. Available from: <http://www.aids.gov.br/campanhas>.

Submissão: 28/07/2016

Aceito: 12/07/2017

Publicado: 01/08/2017

Correspondência

Silvana Cavalcanti dos Santos

BR 232 - Km 208

Bairro Prado

CEP: 55200-000 – Pesqueira (PE), Brasil